



ESCREVIVENDO MEMÓRIAS DE JOVENS NEGRAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

*LÚCIA DE FÁTIMA PEREIRA SANTOS VICENTE
FRANCISCA RAQUEL DA COSTA*



Lúcia de Fátima Pereira Santos Vicente
Francisca Raquel da Costa

Escrevivendo Memórias de Jovens Negras na Educação Profissional e Tecnológica

Parnaíba – PI
2024

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

Reitor Paulo Borges da Cunha
Pró-Reitora de Administração Larissa Santiago de Amorim
Pró-Reitor de Ensino Odimógenes Soares Lopes
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação José Luís de Oliveira e Silva
Pró-Reitora de Extensão Divamélia de Oliveira Bezerra Gomes
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional Paulo Henrique Gomes de Lima

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ricardo Martins Ramos – Presidente
Prof. Dr. Denilson Pereira da Silva – Secretário-Geral
Prof. Me. Alan Elias Silva – Membro
Prof. Dr. Alex Dias de Jesus – Membro
Bibliotecária Esp. Aurilene Araújo da Costa – Membro
Profa. Ma. Inara Erice de Souza Alves Raulino Lopes – Membro
Prof. Dr. Israel Alves Correa Noieto – Membro
Prof. Dr. José Carlos Raulino Lopes – Membro
Profa. Ma. Oscarina de Castro Silva Fontenele – Membro
Bibliotecária Me. Sindya Santos Melo – Membro

Diagramação e capa: Lidiane de Moraes Evangelista
Ilustrações: Adaptado de Freepik 2024
Revisão de Texto: Lúcia de Fátima Pereira Santos Vicente

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V632e Vicente, Lúcia de Fátima Pereira Santos

Escrevendo memórias de jovens negras na Educação Profissional e Tecnológica [recurso eletrônico] / Lúcia de Fátima Pereira Santos Vicente, Francisca Raquel da Costa. - Parnaíba-PI: IFPI, 2024.

64 f.: il. color.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação Tecnológica) – Instituto Federal do Piauí, Campus Parnaíba, 2024.

1. Identidade racial. 2. Jovens negras. 3. Memórias. 4. Educação Profissional e Tecnológica. I. Costa, Francisca Raquel da. II. Título.

CDD – 378.013

Ficha catalográfica elaborada por Isabel dos Santos Lima CRB 3/1060

Esta obra é uma publicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Os textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam a opinião do Conselho Editorial.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons. Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

DEDICATÓRIA

Dedico este produto educacional, fruto da minha pesquisa de mestrado, a todas as mulheres que habitam em mim. Às minhas ancestrais, lavadeiras, indígenas, negras, mulheres simples, de muita força, determinação e coragem. Hoje, sou fruto de uma mulher que nasceu em 1955, na zona rural, em uma fazenda chamada Bebedouro, na cidade de Esperantina, PI, na qual seu pai (meu avô Bernardo) era vaqueiro e sua mãe (minha avó Ana), dona de casa; aqui o termo melhor empregado, é doméstica, pois a fazenda em que moravam e trabalhavam não eram de suas posses, eram arrendatários, prestavam contas e pagavam rendas ao verdadeiro dono. Minha mãe, umas das caçulas entre os dezesseis irmãos, ousou quebrar o ciclo de analfabetismo, aprendeu a ler e escrever, e passou a repassar as primeiras letras embaixo das mangueiras, em frente à casa de telha (Casa dos Senhores donos da terra). A casa onde meus avós moravam era de palha, cerca de 100 metros da casa de telha, a “Casa Grande,” onde moravam. Usando gravetos como lápis e o chão como cadernos, minha mãe, ousou sonhar em “ser professora”. Formada em Licenciatura Plena em História no ano de 2004, pela UESPI, concretizou o seu sonho aos 49 anos de idade. Sempre foi e será minha maior inspiração. Assim como minha mãe, desejo ser inspiração para as mulheres que saíram de mim e levam a minha ancestralidade, tornando-me imortal, minha filha Luana Vicente e minha neta Mariana Vicente, e as que ainda estão por vir. Não posso deixar de dedicar este E- Book às muitas mulheres, intelectuais militantes, que tanto me inspiram e embasam este trabalho. Mulheres que ao longo de séculos, ousaram falar e romper com os silêncios dos horrores não ditos, dos amores não vividos e dos direitos negados. Mulheres de fala e também de atitudes. Levo vocês dentro de mim e deixo um pouco de mim em cada uma de vocês.

AGRADECIMENTOS

*"Pra quem tem fé a vida nunca tem fim."
Rayanna Kamilly, 2023*

Começo os meus agradecimentos com a fala da aluna, coautora deste E-Book, Rayanna Kamilly, que juntamente com as demais participantes deste produto educacional, me ensinaram a ressignificar sobre muitas coisas. Meninas, mulheres, que em tão pouco tempo de vida, já experienciaram medos, abandonos, preconceitos, indiferenças, privações de todas as ordens (social, segurança, dinheiro, afeto). Quem dera se eu pudesse, com o meu abraço, preencher cada vazio que ficou em algumas delas, mas sei que não posso. Contudo, sei que posso AMAR vocês, desejar e trabalhar para que o futuro próximo seja bem melhor, mais justo e mais igualitário.

Agradeço a Deus por ter me mantido viva, através de todas as pessoas que me ouviram, me abraçaram, me deram uma palavra amiga e que choraram comigo. Não foi uma jornada fácil.

Foi um momento de muitas mudanças em minha vida e quero agradecer aos meus pais, à minha irmã Luciana pelo amor incondicional. Aos meus filhos, Thiago e Luana, por me darem condições de realizar este trabalho (muitas vezes fui forte por vocês). Ao Beto, por todos os anos de companheirismo e dedicação ao meu lado. Às minhas primas, que carinhosamente chamo de "cobras" (Lucinha, Fafá, Ana Maria, Ana Lúcia e Mariana), que estavam ao meu lado quando cheguei ao fundo do poço da depressão.

Agradeço a todos os meus mestres e mestras que contribuíram para a minha formação unilateral, especialmente à Profa. Dra. Joselma Lavor, ao Prof. Dr. Marcio Aurélio e à minha orientadora, Profa. Dra. Francisca Raquel da Costa. Meus sinceros agradecimentos a todos os atores do IFPI Parnaíba, Piauí, bem como a todos os envolvidos no PROFEPT. A Turma PROFEPTT 2022 tornou-se uma família.

Aos meus amigos mestrando, que foram verdadeiros mestres/doutores na arte de compartilhar as aprendizagens. Não posso deixar de agradecer à Nossa Senhora de Fátima por me iluminar, proteger e guardar durante toda a "escrevivência" da minha vida.

AUTORAS

LÚCIA DE FÁTIMA PEREIRA SANTOS VICENTE

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - PROFEPT IFPI. Especialista em Supervisão Escolar e Gestão Escolar pelo Instituto Ensino Superior Múltiplo - IESM (2014); especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Educação Montenegro (2009); Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante - FAVENII; Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2006).

Professora da Rede Estadual de Ensino – SEDUC/PI e Professora da Rede Municipal de Ensino de Esperantina – SME/PI.



FRANCISCA RAQUEL DA COSTA

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (2006), especialização em Educação e Cultura Afrodescendente pela mesma instituição (2007), mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2009) e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Ceará.

Atualmente é professora do quadro efetivo do IFPI, Campus Teresina Central e coordenadora do NEABI (Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas). Também atua como docente do Mestrado Profissional do PROFEPT. Atua nos seguintes temas: História, Escravidão, Memória e Afrodescendência, Relações Raciais e Educação.



COLABORADORAS

Estudantes do Ensino Médio Integrado

Ana Kelly de Sousa Lima
Antônia Daniela Vieira da Silva
Camila Vitória de Castro
Gabryelle Barbosa Costa
Giovanna Barrozo Oliveira
Iris Miranda
Laysa de Sousa Paiva
Luana Carvalho
Luciana Nádia
Maria Janielly Brito Sousa
Rayana Kamilly de Aguiar
Suelem Ramos Machado da Silva
Thaís Carvalho Gomes
Thamyres de Sousa Carvalho
Thays Carvalho Gomes

APRESENTAÇÃO

O Produto Educacional, E-Book Escrevivendo Memórias de Jovens Negras na Educação Profissional e Tecnológica, foi desenvolvido dentro do Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, no Instituto Federal de Parnaíba-PI, dentro da Linha de Pesquisa em Organização e Memórias dos Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e do Macro Projeto- Histórias e Memórias no contexto da EPT.

O E-Book consiste na análise dos relatos das alunas negras, acerca da construção de suas identidades de raça no espaço escolar, colaborando com a promoção do autocohecimento identitário e uma educação antirracista. Então, para a elaboração e o desenvolvimento desta pesquisa de identidade e valorização da cultura negra, foi levantada a seguinte questão investigada: Como as alunas negras constroem suas identidades de raça?

Sua construção teve como espaço físico de realização as dependências do Centro Educacional Profissionalizante (CEEP) Leonardo das Dores, localizado na cidade de Esperantina, Piauí. Participaram das suas ações, atividades/oficinas, 15 (quinze) estudantes da 3ª série do curso Técnico em Administração Integrado.

O Produto Educacional (PE) teve como objetivo, envolver as estudantes num processo reflexivo que contribua para o desenvolvimento da identidade racial, social, histórico político e pessoal, onde a mulher negra, é apresentada como símbolo de resistência, empoderamento e beleza, trazendo o desejo de se fomentar e levar para o ambiente escolar discussões sobre importantes temas e problemas da sociedade atual, promovendo uma educação integral, tão necessária e urgente nos dias atuais.

As oficinas foram planejadas com o objetivo de relacionar o referencial teórico com a prática da escrevivência, cuja intenção é fomentar a discussão e reflexão das estudantes acerca da construção identitária da mulher negra na sociedade atual. Para tanto, buscou-se a participação das alunas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, as quais participaram de maneira ativa na construção do produto.

Durante os encontros, que chamamos de “Encontros para Escrevivências”, as alunas participantes escreveram em seus Diários¹ de Bordo, suas percepções acerca dos temas abordados, mais especificamente as Histórias e Memórias de Pessoas Negras que influenciaram e ou ainda influenciam, a formação identitária da mulher negra. A abordagem dar-se-á na perspectiva da inclusão da temática na Educação Profissional e Tecnológica.

Os “Encontros para Escrevivências” foram desenvolvidos na seguinte sequência: Encontro 1 - A identidade negra em construção. Oficina A VOZ DA RESISTÊNCIA; Encontro 2 - Fortalecendo a identidade racial feminina; Oficina QUEM SOU EU ?; Encontro 3 - As Mulheres que habitam em mim; Oficina SER NEGRA: CORPO-COR, CORPO-VOZ, CORPO-VEZ; Encontro 4 - SER NEGRA: cultura e arte; Oficina ESCRIVENDO MEMÓRIA.

O resultado das experiências construídas no decorrer dos quatro encontros para escrevivências² deste Produto Educacional, compilados em um E-Book intitulado, Escrevivendo Memórias de Jovens Negras na Educação Profissional e Tecnológica. O uso do Diário de Bordo durante os encontros, foi a ferramenta pedagógica utilizada para os registros das percepções, reflexões da aprendizagem desenvolvidas durante o projeto de pesquisa, realizada pelas discentes coautoras do PE, que nesta pesquisa terão seus nomes substituídos pelo pseudônimo do nome de flores brasileiras.

A escolha dos codinomes, Camélia, Ipê, Onze horas, Lírio, Açucena, Caliantra, Girassol, Amaranthus, Lótus, Alecrim, Margarida, Tulipa, Rosa, Hibisco. Estas flores representam para a pesquisadora, símbolo de resistência as adversidades, de continuidade da espécie, de beleza nas diversidades e que sempre será permitido a possibilidade de sonhar e transformar o ambiente em que você está, independente de qual seja.

¹ Diário: costuma ser elaborado como um registro íntimo; em sua origem, não se dirige a outra pessoa, o seu destinatário primeiro é o(a) próprio(a) autor(a). Nele, são registradas as experiências vividas no presente. Quando os diários são publicados, tempos depois de terem sido escritos, temos acesso à visão pessoal a respeito da época a que eles se referem.

² O conceito de escrevivência, será usado, em referência a obra Evaristiana. Onde a autora cita- o pela primeira vez, enquanto neologia de “escrever”, “viver” e “ver” em 1995, na ocasião de sua dissertação de mestrado, e, nas oportunidades que tem, afirma que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020b, p. 20)

Os conteúdos, as fontes escolhidas e metodologias, foram organizadas com o propósito de contribuir com o processo de formação identitária positiva das alunas negras, destacando as semelhanças e diferenças marcadas simbolicamente, a partir de outras identidades.

Em cada “Encontros para Escrevivências”, apresentamos uma mulher negra de diferentes idades e profissões. Mulheres negras, brasileiras, militantes, como fonte de inspiração, para aguçar a percepção de quão forte é a Mulher, quão importante foi a mulher negra para a formação da sociedade brasileira. No Brasil, não faltam exemplos literários de escritoras que tratam das heranças da colonização e do escravismo.

Mulheres negras, mulheres incríveis que sempre estiveram presentes nas senzalas, para o trabalho braçal, como mucamas nas casas grandes, amas de leite, e em todas as outras situações, em que sua presença se fez necessário, não passaram despercebidas, há muitas mulheres de luta e de coragem, levantando a sua voz e denunciando, criticando atuando por uma sociedade mais igualitária e justa.

Durante os “Encontros para Escrevivências” me emocionei várias vezes, ouvindo e lendo relatos, muito parecidos com as minhas vivências. As meninas, mulheres, negras, discentes do CEEP Leonardo das Dores, trazem subjetivamente as heranças do patriarcado, machista, sexista e eurocêntrico, entretanto, há uma sede de busca do saber, de se reconhecer e se conhecer em mulheres de luta, resistência, vez e voz, uma sede de se identificar e de se afirmar como negras.

Minha contribuição fica expressa em cada relato aqui descrito, quando os leio, sei que cumpro o meu papel de educadora, sei que contribuo para a reflexão e para a mudança de comportamentos, para o fortalecimento da identidade racial. Ser professora foi a maneira que encontrei para transformar essa revolta silenciada em resistência ouvida, contribuindo com o ensino antirracista e colaborando no conhecimento da formação identitária dos descendentes da desumana escravização. Açoitando agora, não com um chicote, mas com palavras e ações, aqueles que querem nos compelir as suas verdades mal contadas.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	12
2 A identidade negra em construção. Oficina A voz da resistência.....	15
3 Fortalecendo a identidade racial feminina. Oficina Quem sou eu?.....	29
4 As Mulheres que habitam em mim. Oficina ser negra: corpo-cor, corpo-voz, corpo-vez.....	40
5 Ser Negra: cultura e arte. Oficina Escrevivendo Memórias.....	49
6 Considerações finais.....	60
7 Referências.....	63

INTRODUÇÃO

Falar sobre identidade de mulheres negras, significa retornar ao passado histórico da formação política, sociocultural do Brasil e compreender a África, como um território de significados históricos com valores culturais e divisões políticas e sociais próprias. Faz-se necessário, compreender o abismo cultural e preconceitos como herança da diáspora e do patriarcado machista, sexista que nos foram impostos durante anos. Para Munanga (2004), o ponto de partida da busca de identidades coletivas ou individuais leva em conta que somos sempre o Outro de alguém, ou o Outro de um Outro.

A (re) construção ou fortalecimento da identidade é entendida por alguns autores como uma tentativa de retorno ao passado histórico (Hall, 2006), enquanto outros destacam a afirmação da diferença e da pertença étnicorracial (Woodward, 2000).

Algumas alunas, usam os símbolos étnicos, tais como: roupas coloridas, cabelos trançados, cores fortes, colares com representações religiosas. Interessa-me saber: As alunas, usam esses atributos como símbolos da africanidades em sua formação identitária ou são apenas adornos sem representações?

A palavra Identidade, termo de origem latina, formado a partir do adjetivo “idem” (com o significado de “o mesmo”) e do sufixo “-dade” (indicador de um estado ou qualidade), conduz à sua aplicação como qualificadora daquilo que é idêntico ou o mesmo sendo, portanto, identificadora de algo que pertence. Indubitavelmente identidade é um processo de construção que nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”.

Munanga (2012), divide a identidade em dois aspectos: identidade objetiva e identidade subjetiva. Segundo ele, “A identidade pode ser objetiva apresentada através das características culturais, linguísticas ou identidade subjetiva, que é a maneira como o próprio grupo se define e ou é definido pelos grupos vizinhos.” (Munanga, 2012, p. 6).

Mas como identificar-se objetivo ou subjetivamente, com padrões sociais, como na cultura e na arte, que por anos, omitiram a representatividade de homens e mulheres pretas e pardas? Os padrões de beleza, construídos na sociedade e ditados apenas pela origem europeia, são carregados de fenótipos e referências da branquitude.

Por longos anos as pessoas negras, no contexto brasileiro, foram impedidas de assumir as suas identidades objetivas e subjetivas, marcadas pela invisibilidade, impostas por padrões de beleza ou de consumo ditados por uma sociedade estruturada nas relações sociais de subordinação, exploração e dominação.

Historicamente, as mulheres sofreram com a imposição de padrões de beleza e comportamentos. A indústria da moda e beleza impõe os padrões globais do etnocentrismo, no que diz respeito ao jogo de imposição de um padrão único a ser seguido por todos. Por muito tempo o destaque de beleza, era para as mulheres de cabelos lisos, loiros, pele clara e nariz pequeno, ou seja, padrão único, imposto de beleza europeia.

O processo de colonização para as mulheres, especialmente as negras no Brasil, foi marcado por discriminação, violências, preconceitos e exclusão social. O corpo negro feminino, neste trabalho, é visto como representatividade de resistência e inclusão cultural, política e social. E como forma de (re)conhecer e (re)afirmar a identidade negra, é imprescindível que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), discuta as relações étnicas raciais no que tange aos processos sociais, históricos e subjetivos das construções da identidade negra.

As escrevivências aqui relatas, são frutos das vivências experimentadas, por esta pesquisadora, e também pelas coautoras deste PE, meninas mulheres, estudantes, negras, que emprestaram o seu poder de fala e de escrita, para denunciar, criticar, aprender, ensinar, construir, desconstruir e principalmente amar.

Amar as suas memórias e respeitar suas histórias, amar o seu corpo negro e suas características fenotípicas peculiares, amar a sua cultura e principalmente a amar e respeitar a diversidade.

Aqui contamos as nossas dores, os nossos amores, as nossas saudades, na certeza de que estamos nos construindo e reconstruindo como mulheres negras, empoderadas, livres em busca da nossa real identidade.

Resgatando os fios da memória, a real identidade negra, foi sendo (re) conhecida, discutida e (re) construída dentro dos quatro encontros de “escrevivência”, compelidos na sequência de quatro sessões apresentadas neste E-Book: Encontro I - A identidade negra em construção. Oficina A VOZ DA RESISTÊNCIA; Encontro II – Fortalecendo a identidade racial feminina. Oficina QUEM SOU EU ?; Encontro III - As Mulheres que habitam em mim. Oficina SER NEGRA: CORPO-COR, CORPO-VOZ, CORPO-VEZ; Encontro IV - SER NEGRA: cultura e arte, Oficina ESCRIVENDO MEMÓRIA.

Os encontros para escrevivências, foram importantes para contribuir com às discussões de formação e reconhecimento das identidades raciais feminina, na construção da valorização dos fenotípicos afrocentrados e no fortalecimento do empoderamento feminino.

O processo da construção identitária dessas alunas, foi reforçado positivamente, quando se apresentaram, mulheres negras, que contribuíram e contribuem na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao se verem representadas em “figuras de destaque” na grande mídia, o olhar sobre si mesmas, se renova e abre espaço para a possibilidade de sonhar.

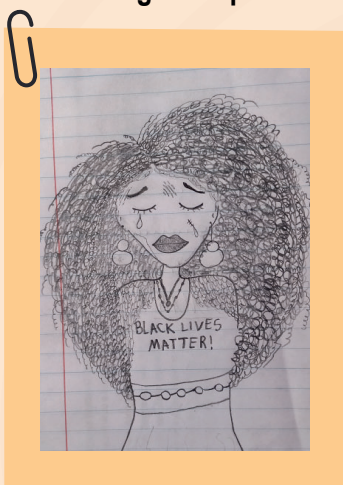
Sendo assim, não podendo reescrever a história, nos empenhamos em compreendê-la, para reencontrar o nosso passado ancestral, para (re)afirmar a nossa identidade negra, que por muito tempo nos foi negada e a contendo, despojando nos do complexo de inferioridade e da subjugação que nos foram impostos, e para tal propósito, o primeiro passo, é a aceitação dos nossos atributos físicos e culturais, pois nunca foi e nunca será a quantidade de melanina que nos definirá como seres intelectuais, morais, críticos e políticos.

ENCONTROS PARA ESCRIVIVÊNCIAS I

A identidade negra em construção
Oficina A VOZ DA RESISTÊNCIA

"A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos".
Evaristo (2007, p. 21).

Vidas negras importam



Fonte: Gabryelle, 2023.

No Encontro I apresentamos, Carolina Maria de Jesus (1914), uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira, que usou da sua escrita, uma forma de fazer denúncia social. Não se calando diante das dificuldades, escrevia em seus diários, contando sobre o seu dia-a-dia e como enxergava o mundo a sua volta.

Usamos como Texto Base, “Quarto de despejo³ de Carolina Maria de Jesus”, encenado por Ruth Souza, projetado com auxílio de Data show. Logo após, começamos os diálogos com a pergunta problematizadora: Onde estão as pessoas negras na mídia (na televisão, nas revistas, nos filmes, redes sociais)? Quais papéis normalmente ocupam? Há diferenças na representatividade negra?

Objetivamos no encontro I, refletir sobre o processo de construção da identidade negra; Sensibilizar as educandas sobre a importância da autonomia das mulheres; Resgatar da memória lembranças de mulheres que contribuíram em sua formação identitária negra.

Para alcançar os objetivos apresentados, propomos a atividade “Mãos na escrita”: Agora é a sua vez. Relate escrevivendo no seu diário de bordo: Quem sou eu? Quais as mulheres que habitam em mim? Quais as minhas ancestrais? Que lembranças trago dessas mulheres?

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dbw3csCI9lo>

Planejar os “encontros para escrivências”, foi um momento de pura emoção. Primeiramente contatamos a escola, na pessoa da coordenadora pedagógica, Elzi Soares de Almeida e da diretora Elizaldete Taquary, que prontamente entenderam a importância desta pesquisa e se colocaram à disposição para ajudar no que fosse necessário, após uma visita agradável e acolhedora, agendamos a biblioteca para os “Encontros para Escrivências”.

E assim, com olhares ansiosos e ao mesmo tempo desconfiados iniciamos o primeiro encontro. Após as apresentações e boas vindas, os objetivos foram esclarecidos e foram distribuído, para cada aluna participante da pesquisa, um Diário de Bordo, especialmente confeccionados para as mesmas, onde objetivamos, que elas possam, refletir, contar suas experiências, histórias de vida e, principalmente, revisitar suas histórias, e tecer nos fios da memórias as lembranças de pessoas negras que contribuíram e ou inspiraram na sua formação identitária racial.

Diários de Bordo



Fonte: Autora, 2023.

Formulamos questões problematizadoras para envolver as discentes no processo de reflexão e discussão. As questões foram formuladas tendo como base a contribuição de Zabala, a qual buscamos,

Introduzir processos de reflexão crítica para que as normas sociais de convivência integrem as próprias normas. É preciso ajudar os alunos a relacionar estas normas com determinadas atitudes que se queiram desenvolver em situações concretas e promover a reflexão crítica acerca dos contextos históricos e institucionais nos quais e se manifestem estes valores (Zabala, 1998, p.18).

Durante o primeiro encontro foi criado um grupo de Whatsapp⁴, denominado, Mulheres Incríveis, para a aproximação das estudantes, bem como para a troca de experiências, de sugestões, de dúvidas e de opiniões. Nos encontros foi abordada a temática racial, mais especificamente, as Histórias e Memórias de Mulheres Negras, que influenciaram e ou ainda influenciam na formação identitária da mulher negra, oportunizando as discentes, a apresentação de autoras negras que assumem uma função subjetiva ao narrar as próprias histórias, como protagonistas, inspirando outras mulheres negras, para o crescimento e desenvolvimento, intelectual, social, emocional e político.

Após as boas vindas e apresentação da proposta de trabalho, foi exibido o curta metragem⁵ CULTNE - "Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus " - Ruth de Souza. Relato de trajetória de vida de uma mulher negra.

⁴ Aplicativo que funciona como um serviço de mensagens instantâneas conectado à internet, disponível em multiplataformas

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dbw3csCI9Io>

Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quarto-de-despejo-resumo-da-obra-de-carolina-maria-de-jesus>

Carolina Maria de Jesus



Fonte: Correio da Manhã/Arquivo Nacional/Wikimedia Commons).

Relato de trajetória de vida de uma mulher negra

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher, negra, brasileira, pobre e escritora. Nasceu em Sacramento, Minas Gerais, numa comunidade rural em 14 de março de 1914. Estudou dois anos em uma escola paga pela mulher de um fazendeiro, onde aprendeu a ler e escrever. Migrou para São Paulo e passou a morar na favela do Canindé. Mãe de três filhos de pais diferentes, ela os criou sozinha catando papel na rua. Se negou a ser dependente de qualquer homem. Embora tenha estudado pouco, aprendeu o suficiente para ler livros que encontrava no lixo e escrever um diário, contando sobre o seu dia-a-dia e como enxergava o mundo a sua volta. Alguns destes diários foram publicados como Quarto de Despejo, metáfora criada pela escritora para se referir à favela em relação a capital. Embora escrito em linguagem simples e deselegante de uma pessoa sem muita instrução, seu diário foi traduzido para 14 idiomas e tornou-se um best-seller. Carolina veio a falecer em 13 de fevereiro de 1977 em São Paulo.

Enfatizamos também, a atuação da atriz, Ruth Pinto de Souza⁶, que interpreta Carolina de Jesus, no curta metragem.

Ruth Pinto de Souza



Fonte: <https://images.app.goo.gl/znKDakx7JD3A2Vui7>.

A fim de envolver as alunas começamos os diálogos com as perguntas problematizadoras: onde estão as pessoas negras na mídia (na televisão, nas revistas, nos filmes, redes sociais)? Quais papéis normalmente ocupam? Há diferenças na representatividade negra?

Partimos do princípio de que a pesquisa em sala de aula precisa ser envolvida pelo questionar, pelo construir argumentos e pelo comunicar (Moraes; Lima, 2004). Dentro dessa perspectiva fortalecerá gradualmente o modo de ser, compreender e fazer cada vez mais, avançando num processo dialético, compreendido dessa forma como um movimento:

⁶ Ruth Souza, nascida em 1921 em Engenho de Dentro, bairro da periferia carioca, é filha de Sebastião e Alaíde Pinto de Souza. Logo após seu nascimento, ainda muito pequena, se mudou para Minas Gerais onde viveu num sítio ao lado dos irmãos Maria e Antônio. O sonho de se tornar atriz a acompanhou desde a primeira infância. Em um dos trabalhos mais importantes de sua carreira, Ruth de Souza protagonizou o espetáculo Quarto de Despejo, homônimo do principal livro escrito por Carolina Maria de Jesus. A TV surgiu em sua vida a partir de 1965, tempo que trabalhou na Tupi, Record e mais tarde na TV Globo. Na lista estão novelas como O Bem Amado, de 1973, Sinhá Moça, de 1986 e O Clone, de 2001. Ruth acumulou mais de 25 peças teatrais e 30 novelas. Agradida com o prêmio de melhor atriz no tradicional Festival de Gramado, Ruth de Souza é a representação viva da gana e garra das mulheres negras do Brasil. É pioneira, é uma diva da dramaturgia.

Em espiral, que se inicia com o questionar dos estados do ser, fazer e conhecer dos participantes, construindo-se a partir disso novos argumentos que possibilitam atingir novos patamar e desse ser, fazer e conhecer, estágios esses então comunicados a todos os participantes do processo (Moraes; Lima, 2004, p. 11).

Apresentar Carolina Maria de Jesus e sua escrita, para as alunas, foi um momento de êxtase pedagógico. Falar da importância do ato de escrever, ortograficamente correto ou não, foi dar empoderamento para que todas as outras mulheres, letradas ou não, sentissem a liberdade do escrever, de se expressar. Atentamente e com os olhinhos marejados elas assistiam a cena do curta “Quarto de Despejo”. Logo em seguida foi distribuído e lido o texto 13 de MAIO⁷.

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes. (...) Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva para mim ir lá no Senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. (...) Eu tenho dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: Viva a mamãe!. A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Mandeilhe um bilhete assim: “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouquinho de gordura, para eu fazer sopa para os meninos. Hoje choveu e não pude catar papel. Agradeço. Carolina”

(...) Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (De Jesus, Carolina Maria, 2014.)

⁷ Texto ortograficamente escrito conforme o original da autora Conceição Maria de Jesus, 2014.

A leitura do trecho acima nos remete ao grito de socorro de muitos negros e negras pelo Brasil. As condições precárias de habitação, educação, alimentação e cuidados com a saúde ainda assombram muitos lares brasileiros. Carolina de Jesus, com os seus Diários, denuncia o abandono e péssimas condições de muitos brasileiros.

Para alcançar os objetivos apresentados, realizamos a primeira “Oficina de Escrivência” que chamamos de “A voz da resistência”, propomos a atividade “Mãos na escrita”: Agora é a sua vez. Relate escrevendo no seu diário de bordo: Quem sou eu? Quais as mulheres que habitam em mim? Quais as minhas ancestrais? Que lembranças trago dessas mulheres?

Construindo identidades



Fonte: Autora, 2023.

Durante a Oficina “A voz da resistência”, as alunas, inspiradas em Carolina de Jesus, usaram o diário e o lápis como ferramenta de denúncia e crítica social.

"Geralmente, as empregadas domésticas, continuam sendo as mulheres de cabelo crespo. São exploradas e ainda acham que são da família. A minha mãe suporta muitas humilhações aonde trabalha, mas ela se acha da família." (Camélia, 2023).

A escrivência acima, está escrito no diário de bordo da participante Camélia. A participante usou a ferramenta da Escrivência em seu Diário de Bordo, para refletir sobre a condição da mulher negra e parda na sociedade atual, trazendo o olhar para a

condição da mulher, negra, pobre, favelada, apresentada no livro Quarto de despejo de Maria Carolina de Jesus.

Gratidão as minhas ancestrais

Sou, Ipê e moro numa pequena comunidade rural. Já passei por muitas dificuldades, muitas barreiras na vida. Sou uma garota simples, alegre, determinada e sonhadora. Sempre tento fazer o bem e não consigo compreender porque muitos me julgam pela minha aparência. Gosto de um ambiente limpo e organizado, quando as coisas ficam fora do lugar, eu perco o foco. Gosto de dançar, de cantar, dentre várias coisas, essas me deixam leve.

Dentro de mim moram muitas mulheres, entre elas está minha mãe, uma mulher batalhadora, que sempre foi o meu orgulho e minha fortaleza. Não tenho palavras para expressar a Grandiosa Rainha que ela é. Minha avó, é a minha segunda mãe, ela sempre me fez enxergar o lado bom das coisas, com ela aprendi tudo que sei. Minha irmã, que sempre esteve ao meu lado, eu sinto muito orgulho dela.

É com amor que escrevo e com os olhos cheios de gratidão. Volto em direção ao passado e agradeço, a minha bisavó, por ter sido uma mulher forte, trabalhadora de roça, para criar os próprios filhos. Não tiveram a oportunidade de estudos na vida. Agradeço a Deus e a todas as minhas ancestrais por deixaram um legado de suas raízes em minha vida. Especialmente, a minha querida avó paterna, que tive a honra de conhecer. O maior ensinamento que me deixaram foi o amor e o respeito. Ao lado delas, eu ouvi muitas histórias de grandes mulheres que passaram por muitas coisas, mas nunca as impediram de seguir em frente. Isso sempre me inspirava e alimentava mais o meu eu.

(Ipê, 2023)

A escrevivência oportunizou as alunas participantes, a lucidez de perceberem que não houve um processo de colonização pacífico e harmônico, mas sim, estereotipado, dentro de um patriarcado machista e sexista que ainda se faz presente na sociedade atual, contudo, as participantes agora protagonizam a cena, pensando, oralizando, refletindo de forma crítica, algo que parecia impossível de ser dito e muito menos escrevido.

Durante os encontros, as lembranças afluíram e a valoração de mulheres simples, porém fortes, se fez acontecer na prática da escrivência. Muitas dessas memórias, não veio de pessoas famosas, que estão nas mídias, mas de mulheres reais, próximas, que muitas vezes ficaram na invisibilidade.

A escravidão acabou?

A escravidão ainda está presente nas casas de famílias brancas e ricas. É comum, aqui em Esperantina, Piauí, ao chegar em uma casa de família, de boa condição você se deparar com uma empregada doméstica. Ela lava, cozinha, cuida dos filhos do patrão, faz tudo na casa. Na maioria das vezes, passa o dia todo, só cumprindo essas tarefas, até porque está sendo paga pra isso. E na maioria das vezes, esta mulher, que estamos citando aqui, é NEGRA, PRETA, PARDA, de cabelo ruim. É deplorável uma sociedade que ainda tem coragem de dizer que já passou a escravidão.

(Camélia, 2023)

Para ser negro é preciso conhecer a história, que não pode ser unilateral, não podemos dar ênfase somente as formas de opressão, é preciso também ressaltar as diferentes formas de resistência que se efetivam de modo paralelo à condição subalterna a que fomos submetidos. É preciso dar voz aos que por mais de 400 anos foram silenciados tornando-se invisíveis e culturalmente aceitos como tal.

Fazer pensar, refletir, libertar das algemas invisíveis, que ainda nos tornam reprodutores dos padrões impostos pelas classes sociais dominantes, foi para mim e continua sendo, cumprir meu papel como transformadora de pessoas para a construção de um mundo melhor, vivenciando na prática a pedagogia Freireana. E não há palco melhor, para contar estas histórias de lutas, por igualdade e respeito, do que as nossas escolas, que por muito tempo e, em dias atuais, são espaços reprodutoras das classes dominantes. É preciso libertar-se e fazer libertar.

A escola deve trabalhar a educação para além das práticas pedagógicas, muito mais que abordar as temáticas raciais, é necessário e urgente, a vivência de uma

educação antirracista, que considere a diversidade humana, garantindo e respeitando, o espaço como lugar de todos.

Segundo Freire (2018a, p. 31), trata-se de “[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”. Libertando os da ideologia dominante que nos foi imposta. Na Oficina “A voz da resistência”, as memórias foram acordadas trazendo novos olhares para as mulheres mais próximas, as anônimas, as invisíveis. Mulheres comuns, porém únicas, mulheres que em suas simplicidades, muito influenciaram e ou ainda influenciam na constituição identitária dessas meninas.

Uma mulher forte

Eu sou uma mulher com vários objetivos e o maior deles é ser cada dia mais forte do que eu sou hoje.

Eu fui dada pela minha mãe verdadeira quando eu tinha apenas 4 anos de idade, minha mãe biológica foi embora e deixou eu minha irmã pequena. A minha mãe de criação é uma mulher forte e a minha madrinha é como se fosse a minha mãe também.

Trago muitas lembranças da minha avó, ela era tudo em minha vida, até hoje não consigo esquecer as lembranças da minha vizinha, ela não gostava que me maltratassem, nem judiassem.

Meu ponto de beleza, é que eu me vejo uma pessoa maravilhosa, uma mulher de cabelo lindo, só não gosto quando dizem que tenho um corpo horrível, mas pra mim, meu corpo é maravilhoso. Eu amo a minha beleza, eu acho o meu nariz muito chato, mais é o meu ponto de beleza.

(Onze horas, 2023)

Ao longo da história, a mulher foi submetida a condição do trabalho de cuidar, seja dos trabalhos domésticos, das crianças e dos maridos, tornando-se subordinada e auxiliar ao gênero oposto, e essa condição, ainda perpetua se nos dias atuais. A luta por direitos iguais e por melhores condições de vida é constante na sociedade brasileira, alicerçada em bases patriarcais, sexista e racista. As mulheres negras e pardas, são as que mais sofrem uma dupla opressão; gênero e raça, colocando a mulher negra na base da pirâmide social.

E se a mulher não quiser a maternidade? E se quiser a reprodução independente? E se a mulher não quiser matrimônio? E se... são reflexões, feitas pelas alunas, que

precisam ser pensadas e respeitadas, não julgadas ou criticadas, mas acolhidas com afeto dentro da vivência pedagógica.

Gritos silenciosos

Eu sou, uma menina mulher, que nasceu em um século que ainda existe desigualdade, discriminação, homofobia, entre outros, embora existam mulheres que lutam contra, ainda são poucas.

Ter que superar frases ditas por pessoas que deveriam falar palavras de conforto e carinho é muito difícil.

Minhas lembranças mais fortes, é quando mandavam eu tirar fotos. Não era pra sorrir com os dentes a mostra, o cabelo tinha que tá com pouco volume e o clássico seca a barriga até hoje povoam as minhas memórias.

Ainda tenho a sensação de ouvir a voz da minha mãe me xingando. Palavras que feriram a minha alma.

Ainda lembro de tentar chamar a atenção da minha mãe e apanhar por isso. Chorava tanto que soluçava!

Mãe, hoje não falo direito com você, não digo palavras de carinho ou de conforto. Se hoje eu não procuro o seu colo pra desabafar, é porque aprendi a me curar sozinha.

Mãe, eu era criança e só queria relembrar como era ter amigos.

Eu só queria brincar com ela, por isso fugia, era a nossa vizinha.

Meu maior medo é ser mãe. A dor do parto, as noites sem sono.

Se hoje, eu não quero ser mãe.

Sei que você não me queria.

Não foi culpa sua, mas por que eu me culpo por nascer?

Eu gostava de ficar na cozinha. Passava horas lá, sozinha.

Ali me dediquei a escrever e a desenhar. Eu não ia pra cozinha, apenas pra comer, era lá que eu me ajoelhava enquanto chorava.

Às vezes, lavava o banheiro ouvindo músicas e chorando. Quando sentia aquela dor alfinetar o meu coração, eu me ajoelhava pedindo a adeus pra parar.

Como falar que eu estou triste sem sentir espinhos na garganta?

Existe, tal coisa, capaz de superar a dor de quem chora em silêncio?

Por que raios guardo essa dor só pra mim?

Não. Eu não sou menino e nem quero ser. Eu gosto de fazer coisas que meninos fazem. Não me comparem. Eu não quero ser eles.

E se quisesse?

Qual o problema nisso?

(Lírio, 2023)

Concordamos com Hooks (2017, p. 208), quando afirma que “um dos aspectos mais intensos da prática pedagógica libertadora é o desafio, da parte dos professores e professoras, de mudar o programa predeterminado.” De ouvir o que as alunas tem a dizer, sem julgamentos, apenas acolhendo cada fala, cada raiva e cada lágrima, sem perguntas, apenas acolhendo.

Durante as “Oficinas para Escrevivência”, era perceptível a desconfiança das alunas, contudo no decorrer dos encontros o clima de apoio e de acolhimento foi se fortalecendo e um vínculo de confiança e respeito ficou estabelecido entre todas.

Continuamos com a escuta sensível, observando não apenas o som das palavras, mas os gestos, olhares, os silêncios que ampliam o campo de interpretação e dar espaço para a visibilidade das experiências cotidianas, emolduradas por afetividades e intersubjetividades das alunas coautoras da pesquisa.

O termo escrevivência, a literatura de Evaristo, nos relaciona às experiências de mulheres negras que dão vida e sentido a escrita. Durante as oficinas de escrevivência, as alunas coautoras, escreveram relatos em seus diários de bordo, reflexionando temas que são reais em seu cotidiano, como por exemplo a violência doméstica, ainda tão presente nos lares brasileiros. A este respeito, Açucena escreve:

Quem sou eu?

Sou a menina sonhadora que quero dar um futuro melhor pra minha mãe, minha mulher inspiradora, que trabalha muito pra me dar um futuro melhor. Uma lembrança? Quando meu pai chegava embriagado e agredia ela fisicamente e mentalmente.

(Açucena, 2023)

Outro dado alarmante que assombra estas meninas é, a violência doméstica contra mulher no Brasil. O Fórum, Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil em sua 4ª Edição, apontou que 35 mulheres foram agredidas física ou verbalmente por minuto no Brasil. No diagnóstico mais recente, publicado em 2021, foram incluídos

366 estudos em 161 países realizados entre 2000 e 2018. Os resultados globais indicam que 27% das mulheres com idade entre 15 e 49 anos experimentaram violência física ou sexual provocada por parceiro ou ex parceiro íntimo⁸, sendo que 13% tinham sofrido a violência nos últimos 12 meses. Os números indicam, portanto que:

A violência contra meninas e mulheres é um problema global, expressão máxima das desigualdades de gênero e que exige esforços nacionais e internacionais para sua superação. Segundo a pesquisa conduzida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Datafolha, 33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais experimentou violência física ou sexual provocada por parceiro íntimo ao longo da vida. 24,5% afirmaram ter sofrido agressões físicas como tapa, batida e chute, e 21,1% foram forçadas a manter relações sexuais contra sua vontade. Se expandirmos os resultados para as mulheres que afirmaram ter sofrido violência psicológica, como humilhações, xingamentos e insultos de forma reiterada, o percentual de mulheres que sofreu alguma forma de violência por parceiro íntimo chega a 43%. [...] (Datafolha/FBSP, 2023)

É possível, no entanto, focalizar a questão da violência contra a mulher a partir do fenômeno do feminicídio, definido pela Lei n. 13.104, de 2015, como o homicídio contra a mulher por razões da condição do sexo feminino – violência doméstica ou familiar e menosprezo ou discriminação à condição de ser mulher.

Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (2021), quando comparadas as taxas de homicídio entre as mulheres pretas ou pardas e as brancas, tanto no domicílio quanto fora dele, nota-se que a questão de cor ou raça tem um peso significativo. No domicílio, a taxa para as mulheres pretas ou pardas era 34,8% maior que para as mulheres brancas; fora do domicílio era 121,7% maior.

A análise da prevalência por faixa etária indica que quase metade das mulheres entre 25 e 34 anos experimentaram alguma forma de violência por parte de parceiro íntimo ao longo da vida (48,9%). Este grupo também apresentou a maior prevalência de

⁸ Ao números aqui apresentado e suas comparações baseiam-se nas definições da Organização Mundial da Saúde para violência por parceiro íntimo, definida como qualquer comportamento de um atual ou ex-parceiro íntimo no contexto do casamento, coabitação qualquer união formal ou informal que cause danos físicos, sexuais ou psicológicos. (World Health Organization, 2021).

vitimização por violência sexual⁹ dentre todas as faixas etárias (24,8%). Mulheres entre 35 e 44 anos e entre 45 e 59 anos também mostraram índices elevados de violência por parte de parceiro íntimo ao longo da vida, com, respectivamente, 43,6% e 44,2%. O grupo etário com maior prevalência de agressão física foi o de mulheres de 45 a 59 anos. Dentre as mulheres desta faixa etária, 28,7% afirmaram ter sido vítimas de tapa, chute ou empurrão por parte de um parceiro íntimo (OMS, 2021).

Entre elas também se verificam os maiores níveis de outras formas de abuso, sendo que 18,4% afirmaram ter ficado um longo período impedidas de se comunicar com amigos e familiares por ação do parceiro ou ex-parceiro íntimo e 12,6% tiveram acesso negado a recursos básicos, como assistência médica, comida ou dinheiro. Percentual similar foi encontrado entre mulheres com 60 anos ou mais, sendo que 12,9% das mulheres deste grupo etário relataram ter acesso a recursos básicos negados (OMS, 2021).

⁹ 1 em cada 4 mulheres entre 25 e 34 anos afirmaram ter sofrido alguma forma de ofensa sexual e/ou tentativa forçada de manter relação sexual com o parceiro íntimo.

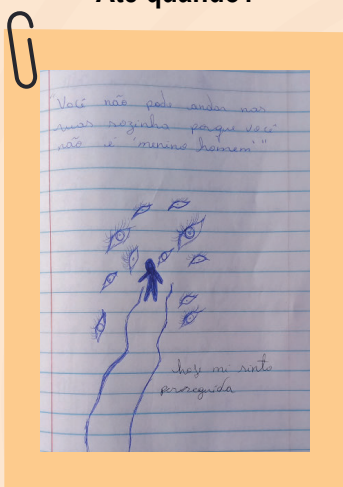
ENCONTROS PARA ESCREVIVÊNCIAS II

Fortalecendo a identidade racial feminina

Oficina QUEM SOU EU?

*"Com minha carta de alforria,
minha força pus a multiplicar.
E por mim e por muitas outras,
a sociedade quero mudar."
Carvalho, 2023*

Até quando?



Fonte: Lírio, 2023.

No Encontro II apresentamos Gabrielly Nunes, Gabz (1999), atriz, cantora, compositora e rapper brasileira; Gabz nasceu no conjunto habitacional do Irajá, na zona norte do Rio de Janeiro, e sempre teve talento com as palavras.

Aos 8 anos, Gabz iniciou a carreira televisiva na série infantil "Teca na TV", no canal Futura. A artista se apaixonou pela cultura de rua e começou a participar de Slams, campeonato de poesias urbanas e venceu vários deles. Um de

seus vídeos de slam conta com mais de 900 mil visualizações

no Youtube.

Usamos como Texto Base, a poesia Quem sou eu? No estilo Slam, logo após começamos os diálogos com as perguntas problematizadoras: Os termos colocados na poesia te levaram a pensar sobre o quê? Se é papel da escola tratar da sexualidade, como essa deve ser abordada? Como a escola reproduz as relações de gênero raça.

Objetivamos no encontro II, Refletir sobre os valores afro-brasileiros de: Corpo-reidade; Oralidade; Circularidade; Religiosidade; Cooperativismo; Memória; Territorialidade; Observar se os estudantes identificam a permanência desta violência na sociedade brasileira e associam o conteúdo sugerido nas mesmas, com histórias reais divulgadas cotidianamente pelas mídias.

Para alcançar os objetivos apresentados, propomos a atividade “Mãos na escrita”: Agora é a sua vez. No seu Diário, escreva, como você se sente como mulher no século XXI.

O segundo encontro foi cheio de emoção. As participantes e coautoras deste PE ficaram muito emocionadas com a poesia apresentada no TEDSlam de São Paulo, pela Gabz, exibida na sala de aula. As alunas se sentiram representadas na fala, no linguajar, na estética corporal da Gabz. Foi um momento de muito acolhimento, escuta e escrita sem julgamentos.

Para Freire (2003) educar “é construir, libertar homens e mulheres do determinismo, passando a reconhecer o seu papel na história, considerando a sua identidade cultural na sua dimensão individual e coletiva”. É preciso respeitar as identidades, sem autonomia ou sem levar em conta as experiências vividas, a escuta do educador, deve ser sensível. Sem ela, o processo educativo será inoperante e constituirá somente um conjunto de meras palavras, despidas de significação real se assim não fizermos.

A identidade negra, segundo Gomes (2002), é construída repleta de densidade, de conflitos e de diálogo.

Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universal. (Gomes,2002, p.39)

O conceito de identidade, enquanto, um sentimento de pertencimento nos faz pensar em quem realmente somos e nos leva a refletir sobre aspectos de sincretismo cultural que, historicamente moldaram a nossa identidade nacional através das interações entre nativos indígenas, imigrantes europeus e africanos.

Gabz apresentou a sua poesia no estilo slam¹⁰ no TEDxSãoPaulo¹¹ no ano de 2009. Para ela, fazer slam foi um jeito de se conhecer melhor, de encontrar suas raízes e sua identidade. Gabz nasceu no conjunto habitacional do Irajá, na zona norte do Rio de Janeiro, e sempre teve talento com as palavras.

Gabrielly Nunes



Fonte: Gabz em malhação - Toda forma de amar/Paulo Belote/Globo.

¹⁰ A palavra é uma onomatopeia utilizada no inglês pra representar algo como um bater de palmas. Slam (ou Poetry Slams) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Muitos chamam de “esporte da poesia falada” Slam: Voz de Levante.
<https://www.youtube.com/watch?v=Yo5DBjMz6Nc>

¹¹ TED é uma organização conhecida por promover palestras curtas de grande impacto. O primeiro TEDxSãoPaulo aconteceu em 2009, com o tema “O que o Brasil tem a oferecer ao mundo hoje?”. Desde então, já tivemos várias edições, no auditório do MASP, na Sala São Paulo, no estádio Allianz Parque e no Shopping Villa-Lobos. Além de São Paulo, o TED já foi sediado em outras cidades brasileiras, como Paraíba, Maringá, e Canoas.

Poesia: Quem sou eu?

*Se pelo menos eu soubesse
Meu verdadeiro sobrenome
Meu país
Minha terra
Ah, se eu soubesse já era
Se minha carne fosse vista diferente
Se seu olhar fosse mais inocente
Se eu não tivesse que ser forte
Nem dependesse da sorte
Se antes do diabo que me pintam por ser o que sou
Ou da deusa que cultivam pelo mesmo motivo
Eu fosse pessoa, PESSOA antes de mulata
E se eu não tivesse que falar na lata?
E se eu não tivesse que gritar?
Ainda ia ter graça me ver sangrar?
E se eu quisesse me vingar?
Ou ces acha que nós não lembrava
Do estupro, da escrava
Que ces ainda comemoram a ação
Porque o resultado: A linda miscigenação
Ou ces acha que nós esquece
A tragédia dos mec mec
Que termina lá no cytotec
Sim, aborto
A pergunta agora é se o feto era vivo ou morto
E ela?
Crucificada aos 16
Sem a ajuda de nenhum de vocês
Sozinha, pedindo aos céus ajuda de mainha
Mas aqui só tinha inferno e o julgamento é eterno
Se não vai pra prisão, pode ir pro valão*

*Taxada de puta na televisão
Pra nós ninguém reserva oração
Tudo preto, sem bandeira branca na trama
Ce já sentiu negra drama?
Ou tu só respeita se for da família?
Pede bênção pra mãe e não assume a filha
É que ces não gosta de mulher, ces gosta é de buceta. De preferência branca, mas com bunda de preta
Até serve comer mulata, mas se for a que te acata
E os mano sempre diz que são todo errado, e aí quer pagar de aliado, mas ces tem que entender nosso
lado, nós não atura papo de mandado
Porque o papo não faz curva, aqui o papo é reto
Ce vai se arrepender de me fazer de objeto
Eu não tô aqui pra fazer seu membro ficar ereto
Não se esqueça, aqui é muita treta
Se teu pau é ku klux Klan minha buceta é pantera negra
É que eu não aguento mais, será que algum dia tem paz? Ou será sempre mais um
No cais sinto o horror, do Valongo Quilombo dor é o Congo do meu horror
Mas você não me parou
Os morto na matéria, mas vivo na memória
Eu canto aqui é pra lembrar essas história
Em meio ao caos nós vai encontrar a glória
Em meio a tanta luta nós vai chegar na vitória
É que eu tenho minha raiz, minha base pra ser feliz
Eu invado, eu não me encaixo
E você ainda se acha muito macho?
Mas nunca viu rastro de cobra, nem couro de lobisomem. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come
O que eu passei na vida ces não sabe como é, pra viver na minha pele neguin, tem que ser muito, "mar"
muito mulher! (Gabz, 2017).*

Visivelmente emocionadas, as alunas aplaudiram a poesia e se sentiram representadas na voz na Gabz, foi levantada a discussão em grupo, que proporcionou a escuta do outro e a percepção de si, portanto, a oralidade, aproxima as alunas.

Buscando dar voz as coautoras deste PE foram levantados os seguintes questionamentos: Algumas palavras na poesia te levaram a pensar sobre o quê? Se é papel da escola tratar da sexualidade, como essa deve ser abordada? Observação do espaço escolar: E a escola? Como a escola reproduz as relações de gênero e raça?

Para alcançar os objetivos apresentados, propomos a atividade “Mãos na escrita”: Agora é a sua vez. No seu Diário, escreva, como você se sente como mulher no século XXI.

Diante dessa problemática as alunas escreveram:

Quem sou eu?

Sou Margarida, uma mulher preta, filha de uma preta maravilhosa.

Sou estudante, amiga e atleta.

Sou filha caçula, bissexual,

uma pessoa boa com o coração enorme,

que sempre tenta ver o lado bom da vida.

Uma mulher de alma doce, do cabelo cacheado, sorriso largo, olhos claros e alma pura.

Uma garota disposta a viver tudo o que a vida tem a oferecer.

(Caliandra, 2023)

“Tem muitas mulheres óreos que precisavam está aqui e aprender tudo isso.” (Flor de Lótus, 2023). Perguntei qual o significado de “mulher óreo?”. A definição de Mulher Óreo, foi explicada em seguida: “É aquela preta por fora e branca por dentro.” Mais uma vez, percebemos que o fantasma da teoria do branqueamento, ainda se faz presente na sociedade brasileira.

O ideal do branqueamento, fantasmagoricamente, passeia pela mente destas meninas que não compreendem porque muitos as julgam pela aparência.

[...] o ideal do branqueamento nasce do medo, constituindo-se na forma encontrada pela elite branca brasileira no final do século passado para resolver o problema de um país ameaçador, majoritariamente não-branco, repercutindo, ainda nos dias atuais, nos currículos escolares, nas formações de professoras(es), nas interações dentro das escolas, nas práticas educacionais, enfim, em toda a sociedade, exceto nos grupos e espaços em que, pela natureza conscientizadora, lutam-se contra ele. (Bento, 2002, p. 7)

Utilizamos a escrevivência no Diário de Bordo para refletir e espantar os fantasmas do idealismo da miscigenação. A arte da escrevivência proporcionaram relações dialógicas estabelecidas umas com as outras, proporcionando a construção e ou fortalecimento da identidade negra. Segundo Gomes (2002), esta identidade é construída repleta de densidade, de conflitos e de diálogo.

Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universal. (Gomes, 2002, p.39).

De acordo com Conceição e Conceição (2010), muitas pessoas que possuem em sua constituição características negras, por vezes negam esses traços, pois a identidade do negro traz de seu passado a condição da escravização e o estigma de ter sido um objeto. É papel fundamental da escola, falar sobre as belezas dos corpos negros, desconstruir estereótipos errôneos e colocar os negros no lugar, que possuem de direito, como grandes colaboradores para a construção do Brasil, seja na arte, na literatura, na culinária, nas ciências, na política e na economia, dentre outros.

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência [...] Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 2021.p. 115).

A autora Hooks (2017), amplia esta concepção ao convocar a experiência como elemento central no processo de ensino e de aprendizagem. Para Hooks (2017, p. 122), “a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos”.

Quem sou eu?

Eu sou o que as pessoas falam? Ou sou só eu mesma?

Acima de tudo tenho amor, a paz de estar procurando o caminho certo, pois sou o amor. O amor puro? Talvez!

Chega! Chega de dúvidas, medo, inseguranças, tenho que quebrar esses (pre) conceitos que há vários e vários anos vem prendendo os meus sonhos, na realização de ser o que eu quiser.

(Girassol, 2023)

A escola, por ser um espaço plural e reprodutor das relações sociais, é um espaço reprodutor de preconceitos e de sexismo e ou da homofobia que perpassam as relações de gênero e raça.

Contudo, o nosso olhar sobre determinados eventos não podem ser negligenciados ou silenciados, precisamos nos posicionar e sermos multiplicadores de conhecimentos e de vivências, priorizando o respeito, a pluralidade, o amor e o auto amor. “Minha avó sempre me diz: Você não pode andar nas ruas sozinhas porque você não é menino homem.” (Lírio, 2023)

Mesmo lendo nas entrelinhas, subjetivamente, por trás da fala da avó da Lírio, há um sentimento de cuidado e de proteção, deixando oculto, um preconceito bem distinto, entre o comportamento de homens e mulheres, um preconceito estrutural, sobre como homens e mulheres devem se comportar.

Aqueles que não se adequam, a regras impostas por uma sociedade sexista, machista e homofóbica, questionam o motivo de certas desigualdades de gênero e raça. “Não, eu não sou menino, nem quero ser. Eu só gosto de fazer coisas que meninos fazem. Não me comparo e nem quero ser eles. Qual o problema disso?” (Lírio, 2023)

Mesmo morando em uma pequena cidade, no interior do Nordeste, ou numa grande metrópole, é possível afirmar que o machismo, é um dos traços de nossa cultura, que tenta determinar que meninas, por exemplo, devem adiar sua iniciação sexual, enquanto aos meninos são incentivados que a iniciem. Como diz o velho ditado, “prendam suas cabritas que o meu bode está solto”. Ou seja, as meninas dos outros vão estar em risco com a abordagem do filho varão, enquanto as minhas estarão seguras.

Com esta reflexão Lírio (2023), escreve: “A falta de informação sobre educação sexual é absurda, ensinar o básico tirar dúvidas que até parecem bobas, é muito importante. As pessoas tem que entender que educação sexual não é incentivo pra consumir o ato.”

Outros aspectos discutidos, foram o machismo e a homofobia, como geradores de violência, que atingem mais especificamente, àqueles que não seguem essas normas específicas sobre o que é ser homem e mulher. E mesmo no ambiente escolar os fantasmas do machismo e a homofobia, assombra a mente das discentes. Já ouviram: “Fulana veio novamente para escola com aquela minissaia que parece um cinto de tão pequena.” E ou “olha o jeito que ele caminha.” (Relato oral). Mulher sai na rua com medo de ser assaltada, estuprada, violentada fisicamente e abusada psicologicamente. Se acontece é culpa da mulher, mas e quando se é criança? E não são as pessoas de fora não. São os da própria família. (Lírio, 2023)

Durante a oficina de escrivência, ficou evidenciado que, a cultura do estupro (justificadas pela barbárie da escravização), ainda poluem as relações sociais, que muitas vezes, se repetem, sem que se percebam os conteúdos sexistas, machistas, homofóbicos e causam preocupação às coautoras da pesquisa.

Seria um erro interpretar o padrão de estupro instituído durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros. (Davis, 2016, p. 36)

A sociedade é formada por indivíduos com crenças, religiões e culturas distintas, portanto é fundamental que os estudantes assimilem que todos, independentemente da educação, da cor ou da classe social, devem ser tratados de forma humana e respeitosa. A prática de valores na escola auxilia a combater o preconceito, impedindo o conflito, a violência e o desrespeito, sendo assim, amparados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

O preconceito é contrário a um valor fundamental: o da dignidade humana. Segundo esse valor, toda e qualquer pessoa, pelo fato de ser um ser humano, é digna e merecedora de respeito. Portanto, não importa seu sexo, sua idade, sua cultura, sua raça, sua religião, sua classe social, seu grau de instrução, etc.: nenhum desses critérios aumenta a dignidade de uma pessoa. (Brasil, 1997)

Quando uma mulher negra conhece sua história e assume suas características, ela está lutando contra a imposição do outro, de um modelo padrão imposto sócio culturalmente, sendo assim, a priori, essas meninas vão se reconhecendo no outro, e assumindo a sua verdadeira identidade cultural.

Como educadora, é meu papel formar cidadãos críticos, participativas capazes de ouvir, de explorar novas percepções, desejos e necessidades, gerando motivações, conectando os trabalhos com a cultura e com as identidades, despertando o interesse e estimulando o engajamento, permitindo que um dia, elas se tornem as protagonistas, de suas próprias histórias. Como tanto queremos.

A voz da resistência



Fonte: Autora, 2023.

A voz da resistência



Fonte: Autora, 2023.

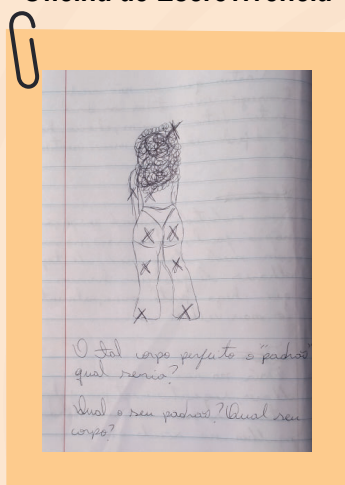
ENCONTROS PARA ESCRIVIVÊNCIAS III

As mulheres que habitam em mim

Oficina SER NEGRA: CORPO-COR, CORPO-VOZ, CORPO-VEZ

*"A cor da minha pele
não determina meu caráter.
Meu gênero não dita
quais lutas devo fazer parte."
Carvalho, 2023*

Oficina de Escrivivência



Fonte: Lírio, 2023.

No encontro III apresentamos Conceição Evaristo (1946), romancista, poetisa e contista brasileira; Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma notável professora e escritora brasileira contemporânea sendo especialmente ativa nos movimentos pela luta negra. Temas recorrentes em suas obras são a força feminina, principalmente da mulher negra, a investigação familiar e ancestral, a memória, desigualdades sociais e opressões contra a mulher e a conta a população negra.

Usamos como Texto Base, Poema Vozes-Mulheres de Conceição Evaristo, logo após começamos os diálogos com a pergunta problematizadora: Onde estão as pessoas negras na mídia (na televisão, nas revistas, nos filmes, redes sociais)? Quais papéis normalmente ocupam? Há diferenças na representatividade das personagens negras?

Objetivamos no encontro III, discutir e argumentar sobre as contribuições de mulheres negras do nosso dia a dia e que ainda vivem na invisibilidade; Discutir as contribuições da mulher negra no Brasil, observando-se as mudanças e permanências no contexto atual; Refletir sobre a violência contra a mulher no mundo atual, tendo em vista o machismo, o sexismo e a misoginia, aprendidos, muitas vezes, na infância; Refletir a temática acerca da identidade e identidade negra; Estimular o conhecimento, como meio de desconstruir o preconceito e a discriminação contra as mulheres, combatendo assim, a violência contra as mesmas; Problematicar a invisibilidade das mulheres em algumas

profissões e ou afazeres domésticos, ainda citadas pela crença de que as mulheres não são capazes de criar. Debater a importância do trabalho das mulheres negras numa época em que as mulheres deveriam viver no anonimato.

Para alcançar os objetivos apresentados, propomos a atividade “Mãos na escrita”: Agora é a sua vez. Você já percebeu que muitas pessoas moram na gente, na construção de nossas memórias e da nossa identidade? Que tal agora resgatar da memória as lembranças de alguém querido, que de alguma forma lhe inspirou a ser a mulher que és hoje? Você é a filha da nova geração, qual lugar você deseja assumir na sociedade atual?

No terceiro encontro, após cumprido as boas vindas e retomada da temática trabalhada, foi exibido uma entrevista, com a biografia da Conceição Evaristo¹².

Maria da Conceição Evaristo de Brito



Fonte: <https://images.app.goo.gl/cr6mvC1hvvgUPqu16>.

Nascida em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Maria da Conceição Evaristo, filha de mãe lavadeira e herdeira de uma tradição de subalternidade e trabalhos femininos domésticos, precisou mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1970, para poder

¹² Disponível na plataforma You Tube como: https://www.google.com/search?q=concei%C3%A7%C3%A3o+evaristo+biografia&sca_esv=574427856&tbm=vid&source=Inms&sa=X&ved=2ahUKEwjw-t7Pozv

ingressar no magistério público. Evaristo justifica sua mudança de cidade pelo fato de já ter reservado para si, em Belo Horizonte, destino semelhante ao das mulheres de sua família: o trabalho doméstico “Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição de subalternidade” (Evaristo, 2009).

Conceição Evaristo é uma notável professora e escritora brasileira contemporânea sendo especialmente ativa nos movimentos pela luta negra. Temas recorrentes em suas obras são a força feminina, principalmente da mulher negra, a investigação familiar e ancestral, a memória, desigualdades sociais e opressões contra a mulher e a conta a população negra. Autora das obras publicadas: Ponciá Vicêncio (romance, 2003), Becos da Memória (romance, 2006), Poemas da recordação e outros movimentos (poesia, 2008) Insubmissas lágrimas de mulheres (contos, 2011), Olhos d'água (contos, 2014), Histórias de leves enganos e parecenças (contos e novela, 2016), Canção para ninar menino grande (romance, 2018).

O poema Vozes-Mulheres, foi lido pelas alunas participantes e ficou evidenciando como a escrita de Evaristo reconstrói o tecido da memória brasileira, por meio da articulação de diferentes vozes que se atualizam e reconstituem a memória.

Vozes-mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

A voz de minha mãe

ecoou baixinho revolta

no fundo das cozinhas alheias

debaixo das trouxas

roupagens sujas dos brancos

pelo caminho empoeirado

rumo à favela.

A minha voz ainda

ecoa versos perplexos

com rimas de sangue

e fome.

A voz de minha filha

recolhe todas as nossas vozes

recolhe em si

as vozes mudas caladas

engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha

recolhe em si

a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha

se fará ouvir a ressonância

o eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2007)

Através do eu-lírico, a autora, fala sobre mulheres de várias gerações que pertencem à mesma família. Percebemos neste poema uma história de sofrimento e opressão. A bisavó simboliza, assim, aquelas que foram sequestradas e trazidas para o Brasil em navios. Já a avó teria vivido no período da escravidão e da obediência forçada.

A geração da mãe, que trabalha como empregada doméstica, leva uma existência dura e marginalizada, mas começa a ecoar alguma revolta. Esse sentimento de resistência se exprime através do eu-lírico que escreve, mas ainda conta relatos de privação e violência.

Iniciada a “Oficina de Escrivivência” Ser negra: corpo-cor, corpo-voz, corpo-vez, com a atividade “Mãos na escrita”. Agora é a sua vez. Propusemos a reflexão acerca dos seguintes questionamentos. Você já percebeu que muitas pessoas moram na gente, na construção de nossas memórias e da nossa identidade? Que tal agora resgatar da memória as lembranças de alguém querido, que de alguma forma lhe inspirou a ser a mulher que és hoje? Você é a filha da nova geração, qual lugar você deseja assumir na sociedade atual?

A voz da nova geração



Fonte: Autora, 2023.

O entrosamento, a dedicação das alunas durante as oficinas proporcionou uma viagem à memória e lembranças foram resgatadas, em uma mister de saudade, gratidão e reconhecimento. Vejamos a carta de Amaranthus para seu avô já falecido.

Carta para meu avô

Vô, hoje bateu uma saudade tão grande do senhor, lembrei de tudo que nós vivemos, lembrei da infância, de quando o Senhor ia passear caminhando, morávamos na zona rural e o Senhor vinha a pé. Quando chegava já era noite e trazia no bolso alguns bombons pra mim e meus irmãos. Nós adorávamos. As lembranças fogem, eu era muito pequena, mas nunca esquecerei dos seus cuidados com a gente.

Você era nosso avô e ao mesmo tempo o nosso pai. Você cuidava de mim e eu retribui esses cuidados na sua velhice, depois do acidente doméstico, que lhe deixou sem andar. Sei que isso lhe deixou muito triste, logo o senhor que gostava tanto de fazer as suas caminhadas, todos os dias as 5h da manhã, e de uma hora pra outra, você não pôde mais fazê-las. Foi muito triste, ver você se deprimindo. Sem querer falar e comer. Eu também fiquei muito triste por vê-lo assim, eu pensei que eu não iria conseguir. Mas me mantive forte e cuidei do Senhor, alimentando, banhando, trocando fraldas e lhe alimentando na mamadeira. Eu agora lhe chamava de meu bebê. Você voltou a ser criança. Ainda recordo com meus olhos chuvosos as noites que passava acordada com você no hospital. Até que você foi um dia e não voltou mais. Meu mundo desabou com a sua partida, mas eu sabia que já estava na hora do Senhor descansar. Alegro-me em recordar que o Senhor aproveitou cada momento, ao longo dos seus 84 anos. Pra você sempre estará vivo em meu coração e nunca esquecerei os momentos vividos ao seu lado.

(Amaranthus, 2023)

As participantes, coautoras deste PE, reflexionaram sobre seus ancestrais com um novo olhar, agora com admiração e respeito. Admiração pelas mãos calejadas pelo trabalho braçal, muitas vezes, em roças de cultivo de arroz e ou feijão. Admiração por cada ruga profunda nos rostos queimados pelo sol e respeito à vivência, de cada uma delas. Em cada escrevivência reproduzida neste PE, é perceptível a nostalgia e a emoção de cada participante.

Construindo o futuro



Fonte: Autora, 2023.

Liberdade

Muitas vezes a gente muda para ser a que a gente não é, só por causa do que as pessoas irão pensar ou achar. Muda o estilo, alisa o cabelo, muda o seu jeito, a sua identidade. Aprendi que devo ser o que eu sou, ter minha própria identidade, seja o que for, não importa o que os outros irão pensar. Não pense pelo outro, pense pelos seus olhos e nunca deixe de sonhar.

(Lótus, 2023)

Contudo, o futuro reserva mudanças e uma nova história precisa ser escrita, uma história de auto amor, uma história da busca de si mesma, uma história de liberdade.

As mulheres que habitam em mim

Eu sou uma mulher negra, nasci negra e com o tempo aceitei isso. As mulheres que habitam em mim, são a minha mãe que é uma mulher forte, e minha avó paterna, mulher negra e pobre, que criou 15 filhos com muito amor e conseguiu enfrentar muitas barreiras e hoje é minha inspiração.

(Alecrim, 2023)

É inegável a participação da mulher negra para a formação da sociedade brasileira. Mesmo, algumas vezes, invisibilizadas socialmente, elas sempre se fizeram presentes, como mucamas nas casas grandes, como amas de leite, como trabalhadoras braçais, nas senzalas, nas artes, nas culinária, em todas as situações em que sua presença se fez necessário, lá estavam elas e suas presenças não passaram despercebidas.

As mulheres que habitam em mim

Sou Margarida, uma mulher preta, filha de uma preta maravilhosa, sou estudante e atleta. Sou filha caçula, bissexual, uma pessoa boa, com o coração enorme, que tenta ver o lado bom da vida sempre. [...] Minha mãe também tem grande participação na minha formação de menina mulher, pois tenho um exemplo de força e coragem comigo desde sempre, um dia serei tão incrível como ela.

(Margarida, 2023).

Todos contra o racismo



Fonte: Autora, 2023.

Há muitas mulheres de luta e de coragem, levantando a sua voz, se fazendo ouvidas e vistas. Mulheres denunciando, se apoiando e atuando por uma sociedade mais igualitária e justa. A luta é de todas nós, o nosso grito ainda é por reconhecimento, respeito, pela liberdade de sermos nós mesmas, pelas mulheres que carregamos dentro de nós e por todas as outras que vieram antes.

As mulheres que habitam em mim

É com amor e com os olhos cheios de gratidão que falo das minhas ancestrais e vou em direção ao passado da minha bisavó e da minha avó. Graças a elas que eu estou aqui firme e forte. Foram trabalhadoras braçais (faziam roças) e criaram os próprios filhos. Não tiveram oportunidades de estudos, mas deixaram um legado de suas raízes e traços em minha vida.

(Ipê 2023).

Uma parte da nossa sociedade nega parte da história de nosso país, que tenta invisibilizar e esconder a história dos negros e dos povos originários. Essas histórias devem ser rememoradas e celebradas na beleza da ancestralidade africana, da força, da luta e da coragem das nossas ancestrais negras

Através da prática da escrevivência, ressignificamos estas histórias e nos orgulhando de cada uma delas. Mergulhar nesta ancestralidade é redescobrir as identidades que foram desfiguradas durante anos de história e que nos fizeram construir uma visão deturpada de quem nós somos.

É preciso compreender os povos negros, as nossas histórias, as nossas tradições, as nossas heranças e o quanto esse nós desperta o “eu” coletivo que somos; e, ao ter consciência disso, poder chegar a uma noção de “quem somos, o que não somos, o que não podemos ser e, a partir dessa perspectiva, perceber como estamos “sendo” e agindo no todo, para “continuar a agir na sociedade tendo em vista esse pertencimento” (Santos e Baumgartel, 2015, p. 30).

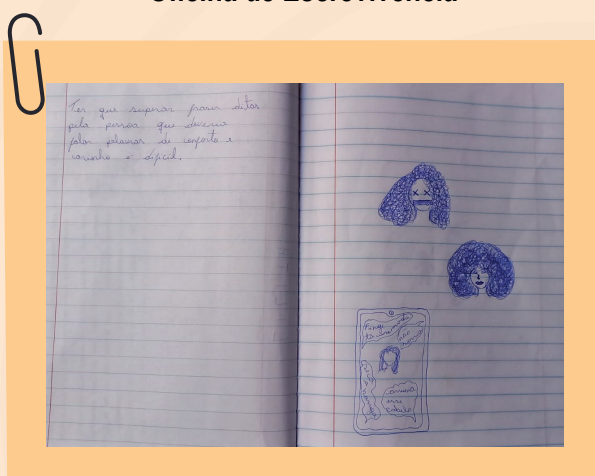
E assim Escrevivendo, vamos formando as identidades, aprendendo e discutindo sobre a dominação hegemônica europeia, sobre a escravização dos corpos negros, que foram coisificados por uma sociedade racista como objetos, máquinas de trabalho, como algo descartável e estereotipado, então, aos poucos, vamos nos projetando em novos espelhos, com novos olhares, reconstruindo a nossa identidade de raça, pensando em nossas trajetórias e nas rotas dos povos ao qual estamos vinculados, dando visibilidade aquelas que vieram antes, de nós, mas que ainda se fazem presentes.

ENCONTROS PARA ESCRIVIVÊNCIAS IV

SER NEGRA: cultura e arte *Oficina Escrevivendo Memórias*

*"Na senzala ou na cozinha,
vi uma grande nação prosperar.
Enquanto minha vida, se aprisiona,
em um tronco a açoitar.
Carvalho, 2023*

Oficina de Escrevivência



Fonte: Lírio, 2023.

No encontro IV, apresentamos Isabel Cristina Correia de Lima, Iza(1990), cantora, compositora, apresentadora, dançarina e publicitária brasileira. A cantora IZA, é referência de mulher negra, em ascensão na mídia brasileira, entretanto em um relato exibido pela cantora, ela afirma que: "não sabia que era bonita."

A jovem fala sobre os desafios de ser mulher e defende a representatividade feminina e negra na mídia. Durante seu percurso escolar, a advogada e cantora, desabafa que nunca ganhou um concurso de beleza na escola e que nos lugares que frequentava com a família, sempre observava olhares diferentes.

Usamos como Texto Base, relato da cantora negra Iza¹³, onde ela afirma que: "não sabia que era bonita." Logo após, começamos os diálogos com as perguntas problematizadora: Os papéis representados por personagens folclóricos, em personagens violentos são geralmente representados por quais pessoas? A mulher negra e seus fenótipos é destaque nos contos de fada? Vocês já identificaram alguma personagem de cor branca, cabelos loiros e olhos verdes dramatizando papéis de empregados subalternos nas mídias?

¹³ Entrevista em vídeo. Site <https://www.youtube.com/watch?v=mcm2TK6feGA>

Objetivamos no encontro IV, recuperar o olhar para a grande mídia, exercitando o estranhamento do já conhecido, com a intenção de acionar a percepção de como os grupos raciais brasileiros são identificados e compreendidos no Brasil; Introduzir a discussão sobre representatividade negra na sociedade brasileira, voltando-se especificamente para o caso da mulher negra e seus arquétipos conhecido; Proporcionar um olhar crítico para a grande mídia, numa perspectiva crítica sobre a questão da mulher negra brasileira e suas representações.

Para alcançar os objetivos apresentados, propomos a atividade “Mãos na escrita”: Agora é a sua vez. Ainda existe a invisibilidade das mulheres em algumas profissões e ou afazeres domésticos, ainda citadas pela crença de que as mulheres não são capazes de criar? Como é o seu olhar acerca do corpo da mulher negra?

No quarto encontro, através da prática da escrivência, reflexionamos para a discussão sobre a representatividade negra na sociedade brasileira, voltando-se especificamente para o caso da mulher negra e seus arquétipos conhecidos, proporcionando um olhar crítico para a grande mídia, exercitando o estranhamento do já conhecido, com a intenção de acionar a percepção de como os grupos raciais brasileiros são identificados e compreendidos no Brasil.

Isabela Cristina Correia de Lima



Fonte: <https://images.app.goo.gl/FKXy3i4KvLPVnDHA6>.

Como referência de mulher negra, em ascensão na mídia brasileira, foi exibido o relato da cantora negra Iza¹⁴, onde ela afirma que: “não sabia que era bonita.” De publicitária a cantora, Iza relembra como se descobriu e iniciou a carreira musical. A jovem fala sobre os desafios de ser mulher e defende a representatividade feminina e negra na mídia. Durante seu percurso escolar, a advogada e cantora Iza, desabafa que nunca ganhou um concurso de beleza na escola e que nos lugares que frequentava com a família, sempre observava olhares diferentes: “Mamãe porque estão me olhando tanto? Porque és linda minha filha.” (Iza, 2020).

Escrevivendo as discentes rompem com a ideia de uma narração universal e dão vozes a subjetividade individual, sem perder sua relação com o outro, político. As discentes criam seus lugares de fala, de reflexão e de apoio mutuo, proporcionando ao coletivo, um olhar ressignificado de suas próprias identidades.

Pérola Negra



Fonte: Autora, 2023.

¹⁴ Entrevista em vídeo. Site <https://www.youtube.com/watch?v=mcm2TK6feGA>

Cartas que eu não recebi

Consegui sobreviver a todas as dores.

Gritei dentro de mim.

Chorei.

Hoje é difícil expressar meus sentimentos.

Ser molestada quando criança, não é fácil.

*Ainda saio na rua com medo de toques, olhares de qualquer homem
que chega perto, principalmente os mais velhos.*

*Saio na rua com medo dos olhares,
do estupro, dos julgamentos.*

Só mais um dia sendo mulher no Século 21.

*Nasci numa família que só tinha cabelos lisos. Quando criança, não sabia cuidar e chamavam muito a minha
atenção, por isso, eu fazia de tudo pra deixar o cabelo menos volumoso.*

E quando ia tirar fotos? Sofria muito, pois tenho diastema.

Não sorria. Seca a barriga, eu era gorda.

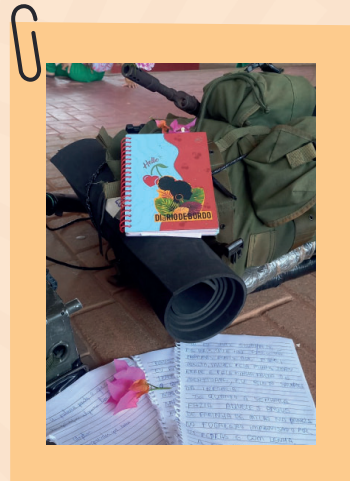
Seguia as ordens sem questionar, queria sair bonita nas fotos.

Hoje, com 17 anos, tento ser verdadeira comigo mesma e não fingir uma aparência que eu não tenho.

Mas, e quem ainda sofre cm isso?

(Lírio, 2023)

Oficina de Escrivivência¹⁵



Fonte: Autora, 2023.

Durante o encontro foi notado os incômodos impostos pelos padrões de beleza inalcançáveis. O cabelo, o formato do nariz, o sorriso, a magreza, a obesidade, o corpo feminino negro, são motivos de conflito para muitas dessas meninas.

Através da escrevivência surge o nascimento da vivência de um corpo preto. “As experiências da infância e do início da profissão ganham sentido quando mergulho nas lembranças e trago escrevivências deste ‘corpo mulher-negra’ (Evaristo, 2009).

Apropriando se do conhecimento de Evaristo, as discentes participantes, percebem o corpo-cor, corpo-voz, corpo-vez, de mulher negra e através da escrita ressignificaram

¹⁵ Descrição da fotografia: Foto tirada durante treinamento da PM no CEEP Leonardo das Dores.

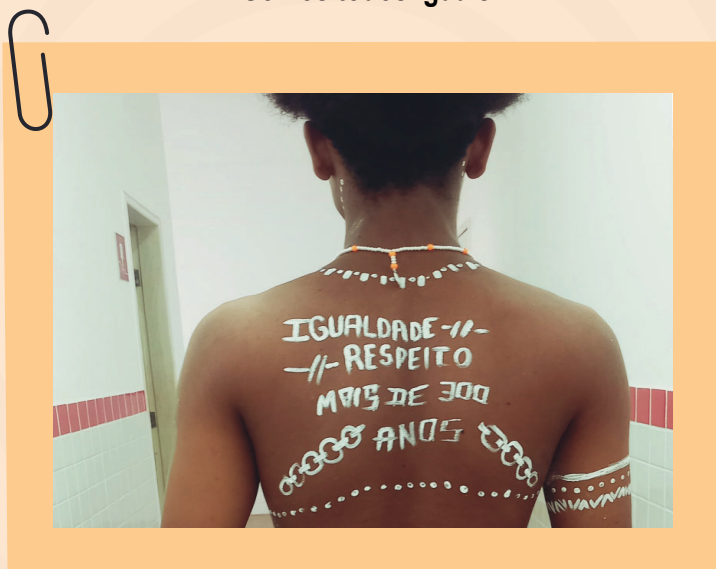
suas belezas, seus próprios padrões, construindo e fortalecendo suas identidades de raça.

Corpo-vez

Quando criança, eu odiava ser negra, não me aceitava, eu chorava e ainda odiava o meu cabelo. Minha avó sempre dizia que, cabelo crespo e cacheado eram cabelos ruins, então eu me odiava. Mas agora eu comecei a me aceitar e não tenho mais problemas com o cabelo. Hoje eu me acho linda!

(Alecrim, 2023)

Somos todos iguais



Fonte: Autora, 2023.

O cabelo, para a mulher negra, pode ser uma zona de tensão e conflito, que culturalmente ainda assombra a auto estima, e a aceitação sócio cultural de algumas mulheres, como afirma Nilma:

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (Gomes ,2002, p. 3).

O cabelo crespo em sua apresentação natural, é volumoso e cresce pra cima, portanto é mais chamativo, diferente do cabelo liso, mais maleável e assimétrico. Dada esta observação, o cabelo alisado ou preso, se enquadra melhor, nos padrões de beleza europeia. Na tentativa de invisibilizar a mulher negra e seus arquétipos, apagando a subjetividade feminina negra, o cabelo crespo era rejeitado.

O preconceito (racismo) levou a um movimento de busca por alterações/apagamento das características culturais e físicas do negro, como por exemplo a busca por clarear a pele, alisar o cabelo, procedimentos estéticos e cirúrgicos, além de mudanças relacionados aos hábitos culturais.

Eu odiava ser negra

Quando eu era criança eu odiava ser negra. Não me aceitava, eu chorava e ainda odiava meu cabelo, pois minha avó sempre dizia que cabelo crespo e cacheado eram cabelos ruins, e eu me odiava.

Aos meus 15 anos passei a me aceitar, hoje eu me acho linda.

Uma das coisas que eu quero que mude, são olhares, que as vezes, quando eu chego, algumas pessoas me olham com a cara meio estranha. Acho que é inveja. Pois sei que sou muito linda.

E os conhecimentos que aprendemos aqui?

Espero que chegue a outras mulheres negras.

(Alecrim, 2023)

De acordo com Gomes (2002), grande parte das mulheres negras que adota os diversos tipos de alisamentos, é por ter sofrido em sua infância e adolescência algum tipo de preconceito, devido às dificuldades enfrentadas por elas no manuseio dos cabelos, por serem crespos. “Arrume seu cabelo. Ande bem arrumada. Não fique de cara feia. Aprenda a cuidar da casa. Cuide do seu marido e seja obediente. E se eu não quiser? Quais as consequências?” (Lírio, 2023).

A cultura da miscigenação, deu origem a padrões de beleza, comportamentos estabelecidos pelo colonizador e que deu origem ao discurso de raça¹⁶. Os movimentos culturais como o “Black Power” nos Estados Unidos na década de 1960, contribuíram para a conquista de direitos civis, como também para eliminar a ideia presente em muitas culturas, que características naturais dos negros, como: pele, traços faciais e o cabelo, são menos atraentes dos que de pessoas brancas. Reflexionando acerca da temática, “Sou uma mulher negra, alta e gostosa[...] uma mulher com garra que corre atrás do que quer. Gosto da mulher que sou e estou me tornando.” (Tulipa,2023).

Dar visibilidade aos negros nos meios e espaços ocupados pelo branco, como: TV, música, arte, esporte, política, educação, entre outros, é importante e necessário para o fortalecimento da representatividade e de retomada da identidade cultural do afro descendente.

Tem uma Tiktok¹⁷, que me motiva como mulher, ela me ajudou a ser quem eu sou hoje, pois antes eu não sabia me posicionar diante de algumas situações, hoje já sei, pois aprendi com ela a ser uma mulher de “poder” de fala. (Caliandra, 2023).

Para minha surpresa, as próprias alunas, organizaram um desfile em alusão ao Dia da Consciência Negra, ao mesmo tempo que apresentaram uma performance de dança e falaram sobre a importância da data para todos os brasileiros.

Ficou perceptível que através da escrivência, o senso de pertencimento cresceu, e as discentes aos poucos, vão resgatando e valorizando seus traços culturais e físicos, sejam pelo cabelo Black, pelas tranças (que na cultura tem sua simbologia e significados específicos), pelas pinturas corporais, pelo uso dos turbantes e etc. “Eu ainda estou descobrindo quem eu sou. Me auto conhecendo. Só sei que sou uma menina mulher me descobrindo aos poucos e cada vez mais aprendendo” (Amaranthus, 2023).

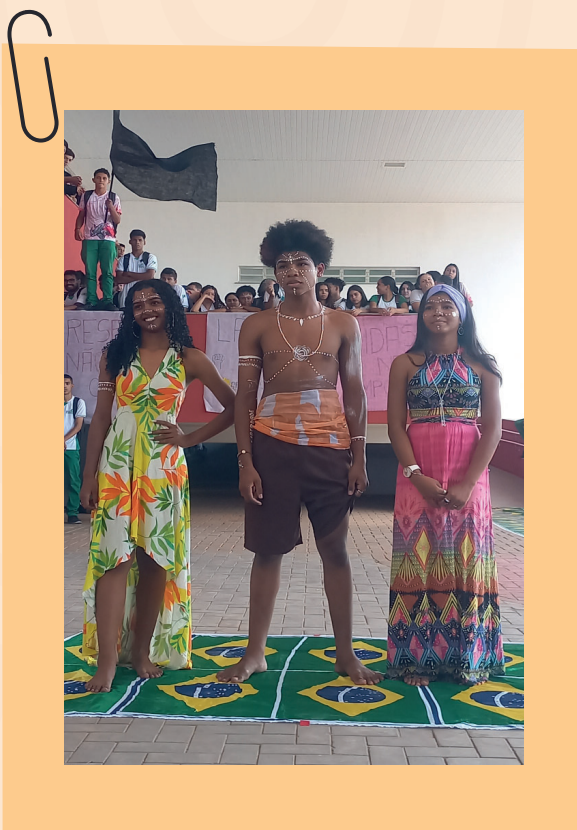
¹⁶ Raça é tratada neste trabalho, como uma categoria discursiva e não uma categoria biológica, afetando a relação do indivíduo com a sua identidade étnica cultural.

¹⁷ Influenciadores digitais que usam a ferramenta profissionalmente, postando conteúdos de várias áreas, que vão desde receitas até dicas de estudo, viagens, compras, entre outros.

Durante muito tempo, as pessoas negras, no contexto brasileiro, foram impedidas de assumir as suas identidades objetivas e subjetivas, marcadas pela invisibilidade, impostas por padrões de beleza ou de consumo, ditados por uma sociedade estruturada nas relações sociais de subordinação, exploração e dominação.

Historicamente, as mulheres sofreram com a imposição de padrões de beleza e comportamentos. A indústria da moda e da beleza, impõe os padrões globais do etnocentrismo, no que diz respeito ao jogo de imposição de um padrão único a ser seguido por todos. Por muito tempo o destaque de beleza, era para as mulheres de cabelos lisos, loiros, pele clara e nariz pequeno, ou seja, padrão único, imposto pelo padrão de beleza europeia. Rosa (2023) escreveu: “Como mulher, uma coisa me desagradava, é ver outras mulheres se desrespeitando e tendo discórdia uma com as outras. A aceitação pelo beleza do corpo negro, deve ser construída desde o nascimento.”

Beleza Negra



Fonte: Autora, 2023.

O processo de colonização para as mulheres, especialmente as negras no Brasil, foi marcado por discriminação, violências, preconceitos e exclusão social. O corpo negro feminino, neste trabalho, é visto como representatividade de resistência e inclusão cultural, política e social. E como forma de (re)conhecer e (re)afirmar a identidade negra, é imprescindível que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), discuta as relações étnicas raciais no que tange aos processos sociais, históricos e subjetivos das construções da identidade negra.

Nesse sentido, a materialização desse produto educacional, através da realização dos Econtros para Escrivência, traduz o desejo de se fomentar e trazer para ambiente escolar discussões sobre importantes temas e problemas da sociedade atual, promovendo uma educação integral, tão necessária e urgente nos dias atuais.

Minhas Memórias

Acervo pessoal¹⁸



Fonte: Autora, 2023.

Das muitas lembranças que trago, das mulheres que influenciaram a minha formação identitária, nenhuma delas, nem de longe, passaram na TV, em jornais ou foram destaques em algum evento em minha cidade.

Uma delas tinha curvas lindas, cintura de pilão, cabelos ralos e lisos, lábios finos, nariz pequeno, se comparado ao meu. (Avó Neguinha, representada na fotografia do lado esquerdo, juntamente com a

minha filha Luana).

Às vezes ela tinha o olhar meio perdido, que identifico com o meu. Por muitas vezes, eu a vi olhar fixamente para o nada. Hoje, eu também me perco no meu mundo, e foi minha filha Luana, que observou esse olhar de quem vê o futuro e recorda o passado ao mesmo tempo.

Das muitas histórias que a Senhora, vó Neguinha, me contava, antes de dormir, a que mais me fascinava era aquela em que a Senhora fazia um buraco no meio da sala, de chão batido, e colocava o filho caçulo dentro, com uma chupeta improvisada (um pano feito trouxinha, amarrado com açúcar dentro), o entretendo enquanto a senhora concluía os afazeres domésticos.

Agora sei de quem herdei a criatividade.

Criar os meninos não deve ter sido tarefa fácil.

É preciso "quarar" a alma no varal para suportar todas as adversidades que a senhora enfrentou como mulher, mãe solteira, negra, pobre, lavadeira, por volta dos anos de 1955.

¹⁸ Descrição da fotografia: Do lado esquerdo acima, minha mãe Luzia e abaixo minha avó Neguinha e minha filha Luana. Do lado direito acima minha avó Ana, abaixo eu, Lúcia de Fátima e ao centro minha neta Mariana, representando todas as outras mulheres que ainda vem depois de nós.

A sua pele era castigada pelo sol, pelas preocupações e muitas privações, mas trazia uma alma bonita.

E que mulher forte!

Existia um amor genuíno entre nós duas, e eu me sentia privilegiada em dormir com a senhora todas as noites.

A luz que vinha da lamparina era fruto do seu fiar do caroço de algodão.

Do seu jeito, a senhora sempre rezava.

No pequeno quarto, onde cabiam apenas as nossas duas redes, o que mais me encantava, era uma mala de madeira, onde a senhora guardava toda a sua história (documentos e algumas fotos).

Hoje, na minha mala, eu guardo a Senhora, a sua história, os seus ensinamentos, perpetuando o seu legado através das mulheres que vêm de você através de mim.

O amor entre nós duas ainda vive, mesmo depois da sua partida.

Obrigada por tudo, vó Neguinha.

Sua neta,

Lúcia de Fátima Pereira Santos Vicente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O E Book apresentado, teve como fomento, a ideia de investigar a formação identitária de jovens negras no espaço escolar, colaborando com a promoção do autoconhecimento identitário e uma educação antirracista. Difundindo conhecimentos, atitudes, posturas e valores, africanos e afro-brasileiros, no sentido de educar cidadãos quanto a pluralidade étnicorracial, para torná-los capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos a legalidade de seus direitos, e a extrema valorização das suas identidades, de forma a buscar certa consolidação da democracia brasileira. (BRASIL, 2004).

A pesquisa possibilitou, as estudantes, um novo olhar a respeito da valorização dos corpos negros e seus fenotípicos, promoveu autoconhecimento identitário, melhorando a autoestima, e a participação das estudantes negras, no processo de ensino aprendizagem. O processo da construção identitária dessas alunas, foi reforçado positivamente, quando se apresentou, mulheres negras, que contribuíram e contribuem na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao se verem representadas em “figuras de destaque” na grande mídia, o olhar sobre si mesmas, se renova e abre espaço para a possibilidade de sonhar.

Nessa perspectiva, possibilita-se a abertura para novas discussões acadêmicas, instigando novas produções teóricas com o objetivo de estudos sobre africanidades, identidades e relações étnicorraciais voltadas para uma educação antirracista, avançando na implementação, regulamentação, cumprimento da Lei no 10. 639/2003 tão urgente no nosso dia a dia.

Conhecer a História, pelas mãos, falas e memórias dos escravizados, é de suma importância, para a valorização e respeito, das africanidades presentes na sociedade brasileira. A pesquisa apontou, a participação significativa, da mulher negra na formação da sociedade brasileira e na formação identitária das discentes pesquisadas.

Na investigação pela formação identitária das alunas negras do CEEP Leonardo das Dores, optei por uma abordagem do tipo qualitativa, participativa privilegiando a realização de questionário com perguntas fechadas e subjetivas, dando espaço a reflexão crítica às participantes.

Baseado nos resultados da coleta do instrumento aplicado, questionário alinhado ao arcabouço teórico que sustentou e fundamentou esta pesquisa, pode-se analisar a percepção das estudantes participantes, sobre o problema norteador. Sendo assim, as respostas foram examinadas a partir de perspectiva do método de análise de conteúdo de Bardin, com isso não esperava encontrar respostas definitivas para o problema de pesquisa. Mas identificar as possíveis lacunas existentes, dentro do contexto, e consequentemente impulsionar a realização de novos estudos sobre o tema partir do levantamento realizado.

A pesquisa apontou que, apesar da condição de invisibilidade social imposta à mulher negra ao longo da história, as mesmas alcançaram importantes conquistas de representação social, como o direito ao voto, direito ao divórcio, participação no mercado de trabalho, direito de liberdade de expressão, dentre elas, citamos o cabelo afro como forma de expressão identitária.

Assim, por meio desta pesquisa, deu-se uma maior visibilidade às mulheres negras, gerando referências na formação identitária, para jovens negras, pois o trabalho centra na questão da representatividade e empoderamento feminino negro.

Ao que concerne ao espaço escolar, foi analisado que, o mesmo ainda é tímido nas contribuições para o processo de construção identitária das jovens estudantes negras, que constroem-se, fundamentalmente a partir das suas interações e relações sociais.

Também foi pontuado, a importância da educação antirracista dentro da educação profissional e tecnológica, como um instrumento de combate às desigualdades e construção de uma sociedade mais igualitária.

Nesse sentido, o espaço escolar consiste no lugar de socialização, discussão e esclarecimentos no processo de construção das identidades das jovens estudantes. Sendo assim, para além da conscientização da importância de se desenvolver a proposta da lei 10639/03, cabe à escola contribuir para a formação identitária racial-cultural, de forma positiva, antirracista e anti preconceituosa, e até mesmo incentivar discussões acerca desse tema que é tão importante e urgente.

Através da prática da escrevivência, ressignificamos nossas histórias, nos orgulhando de cada uma delas. Mergulhar nesta prática foi revisitar a memória, as nossas ancestralidades e redescobrir as identidades que foram desfiguradas durante anos de história e que nos fizeram construir uma visão deturpada de quem nós somos.

E foi assim, Escrevivendo, que vamos formando as identidades, aprendendo e discutindo sobre a dominação hegemônica europeia, sobre a escravização dos corpos negros, que foram coisificados por uma sociedade racista como objetos, máquinas de trabalho, como algo descartável e estereotipado. Então, aos poucos, vamos nos projetando em novos espelhos, com novos olhares, reconstruindo a nossa identidade de raça, pensando em nossas trajetórias e nas rotas dos povos ao qual estamos vinculados, dando visibilidade àqueles que vieram antes de nós, mas que ainda se fazem presentes.

REFERÊNCIAS

- BAUMGÄRTEL, Stephan Arnulf; SANTOS, Adriana Patrícia. Dos guetos que habito: negritudes em procedimentos poéticos cênicos. *Revista Urdimento*, v.1, n.24, p. 28-41, 2015.
- BENTO Maria Aparecida Silva, Iray Carone, Branqueamento e branquitude no Brasil In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)*
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e
BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília:
BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa. Brasília,
- CARVALHO, Arlon Andrade, C331g O gênero, a cor e a voz da resistência: interdisciplinaridade e poesia na educação profissional e tecnológica / Arlon Andrade Carvalho, Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, Joselma Ferreira Lima e Silva. - Teresina: IFPI, 2023.67p.: il. color.
- CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz. A construção da identidade afrodescendente. *Revista África e africanidades- ano 2; n 8, fev. 2010- ISSN 1983-2354*
- DAVIS Ângela; *Mulheres, raça e classe*; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.DF: SEF, 1997.
- Evaristo, Conceição (2017). *Becos da Memória*. 200p. Rio de Janeiro: Pallas. [Links]
- Evaristo, Conceição. (2009). *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta. v.13, n.25, p. 17-31 [Links]
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas Brasileiras: Teorias, Práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007
- EVARISTO, Conceição. Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>
- GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura (UFMG)*, Belo Horizonte, n.9, p. 38-47, 2002.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- https://educa.ibge.gov.br/images/educa/jovens/materias-especiais/jovens_grafico_005.png
- <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>
- IBGE - <https://www.ibge.gov.br>

JESUS, Carolina M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 2014. 200p. São Paulo: Ática. [Links]

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo, RAMOS, Maurivan Güntzel. Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos. In: MORAES, Roque, LIMA, Valdeir M. do R. Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

MUNANGA, Kabengele Negritude: usos e sentidos / Kabengele Munanga. – 3. ed. – 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: [biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_Uma Abordagem Conceitual Das Noções De Raça Racismo Identidade E Etnia.pdf](http://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_Uma%20Abordagem%20Conceitual%20Das%20Noções%20De%20Raça%20Racismo%20Identidade%20E%20Etnia.pdf). Acesso em: 01 abr. 2023.

SANTOS, Inaicyra Falcão. Dança e pluralidade cultural: corpo e ancestralidade. Revista múltiplas leituras, Santa Catarina, v.2, n.1, p. 31-38, 2009.

SOUZA, N. S. 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social Rio de Janeiro: Zahar 171p.suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

WOORDWARD, K. Identidade e diferença. Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

